

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

ALINE PEREIRA VELASCO SILVA

**FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS NA
SOCIEDADE MUDIÁTICA**

MARINGÁ
2013

ALINE PEREIRA VELASCO SILVA

**FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS NA
SOCIEDADE MUDIÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá – UEM,
como requisito parcial para obtenção do grau
de licenciado em pedagogia, sob a
Coordenação: Prof^a. Dr^a. Aline Frollini
Lunardelli Lara e Orientação: Prof^a. Dr^a.
Teresa Kazuko Teruya

MARINGÁ
2013

Dedico este trabalho aos meus pais, esposo, irmã, tios e tias, padrinho e madrinha, pessoas que sempre acreditaram em mim e foram fundamentais na conquista deste sonho.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter permitido a realização desse sonho universitário e por ter guiado meus passos neste percurso.

A minha orientadora por ter aceitado me orientar nesta pesquisa e por compartilhar um pouco de todo o saber que construiu no decorrer de sua trajetória universitária.

A minha família, da qual tive total apoio nos momentos de dificuldade e que me incentivaram a prosseguir e a enfrentar todos os obstáculos.

As minhas amigas, que, durante esses quatro anos de curso, tornaram meus momentos em sala de aula únicos. Que as amigadas perdurem para todo sempre.

Ao meu esposo, que sempre compreendeu a razão de minha ausência e esteve pronto para me ajudar em tudo que precisei.

Aos/às professores/as, que fizeram com que eu percebesse o mundo de outra forma, e por este motivo, não contribuíram somente para com minha formação acadêmica, mas também, com minha formação humana.

Enfim, agradeço a todos/as que, de uma forma ou de outra, participaram dessa história.

SILVA, Aline Pereira Velasco. **Formação e Educação de crianças e jovens na sociedade midiática**. 2013. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

RESUMO

A cultura midiática adentrou o espaço escolar e criou a necessidade de pensar na formação docente direcionada para a leitura crítica dos discursos veiculados nas diferentes mídias. O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é investigar a formação docente para lidar com o discurso midiático e sua relação com o currículo escolar da Educação Fundamental. Por que e como formar professores/as para uma leitura crítica dos conteúdos veiculados nas mídias? Procuramos responder a esta questão com base em uma pesquisa bibliográfica sobre os desafios da formação docente da Educação Fundamental na sociedade midiática, ancorada nos Estudos Culturais, especialmente em autores como Douglas Kellner, Tomaz Tadeu da Silva, Henry Giroux e Teresa Kazuko Teruya. São autores que investigam a pedagogia cultural nos discursos midiáticos e buscam possibilidades de formação da leitura crítica da mídia no processo de ensino e aprendizagem. Os resultados apontam a necessidade de formação teórica e metodologias para utilizar os recursos midiáticos a favor da educação para as mídias. Dessa forma, oferecemos uma análise com o intuito de contribuir para a formação crítica de docentes da educação fundamental.

Palavras chave: Formação de professores. Mídia. Leitura crítica.

ABSTRACT

The culture of media came into the school space and created a necessity of thinking about teachers training for critical reading of discourses provided by different media. The aim of this Final Assignment for the Under Graduation is to investigate the teaching training so teachers are able to deal with media discourses and its relation with the school curriculum of Elementary Education. Why and how to train teachers for critical reading of the content provided by media? We expect to answer this question, based on a bibliographical research about the challenges of training teachers from Elementary Education in a society of media, concerning Cultural Studies, making reference to authors such as Douglas Kellner, Tomaz Tadeu da Silva, Henry Giroux and Teresa Kazuko Teruya. These are authors who investigated the cultural pedagogy in the media discourses and search for possibilities of training critical reading, considering teaching and learning processes. The results reveal the need of a theoretical training and methodologies to make use of media resources in support of education for media. Thus, we offered an analysis with the purpose of contributing to the critical teachers training from elementary education.

Key Words: Teachers training. Media. Critical Reading.

Introdução

A cultura midiática não é uma novidade no momento em que vivemos. No entanto, a preocupação com a maneira como tal cultura tem se disseminado pelo mundo está na ordem do dia. O presente trabalho de conclusão de curso de Pedagogia analisa a formação docente para lidar com o discurso midiático e sua relação com o currículo escolar da Educação Fundamental.

Este estudo integra a linha de pesquisa “Educação, mídia e estudos culturais”¹. A nossa questão é: Por que e como formar professores para uma leitura crítica dos conteúdos veiculados nas mídias? Com base nos autores Antonio Flávio Moreira, Douglas Kellner, Henry Giroux, Teresa Kazuko Teruya e Tomaz Tadeu da Silva procuramos responder essa questão e refletir sobre a prática docente no mundo Pós-Moderno.

Kellner (2003) utiliza o termo “espetáculo”² de Guy Debord para analisar a contemporaneidade. Com o desenvolvimento expressivo das tecnologias de informação e comunicação, percebe-se que crianças e jovens têm tido suas identidades moldadas por valores dominantes que, por sua vez, prejudicam a conduta desses sujeitos e acarretam problemas em sua formação.

Teruya (2006, p. 09) afirma que “[...] a sociedade contemporânea vive a era da mídia”. O tema e a problemática desta pesquisa, portanto, decorreram dessa inquietação sobre a sociedade midiática que contribui para formar a subjetividade dos sujeitos impregnada de valores dominantes e voltada para o consumismo, interferindo nos gostos e preferências das crianças (TERUYA; CAMURRA; MESTI, 2007). Outra questão que envolve a opção pela referida temática, leva em consideração o grande contingente de professores/as que ainda desconhecem os estudos sobre a ação da mídia no público infantil e juvenil e, em razão disso,

¹ “Os Estudos Culturais surgem em meados da década de 1950 no contexto britânico junto aos movimentos teóricos e políticos. No plano teórico, os Estudos culturais rompem com a idéia (sic) de disciplina e não se configuram como tal, mas como uma área que propõe a interação de diferentes disciplinas. Diferente do objeto estudado no campo da antropologia, os Estudos culturais analisam os aspectos culturais da sociedade contemporânea. Trata-se de um campo onde convergem preocupações e métodos para entender fenômenos que não são compreensíveis nas disciplinas existentes” (TERUYA, 2009, p.152).

² Douglas Kellner (2003, p. 04) considera espetáculos “aqueles fenômenos de cultura da mídia que representam os valores básicos da sociedade contemporânea, determinam o comportamento dos indivíduos e dramatizam suas controvérsias e lutas, tanto quanto seus modelos para solução de conflitos”.

não sabem o que fazer diante dos alunos/as dispersos e conectados a alguma mídia durante a rotina escolar.

Nesse cenário, urge pensar em uma educação para as mídias, tendo em vista que apenas aceitá-la não é o mais conveniente. Assim sendo, é necessária a formação docente para realizar a leitura crítica da mídia, de modo a analisá-la e avaliá-la. Isto porque “[...] diariamente somos bombardeados e envolvidos por informações, através de imagens e sons que, de uma forma ou de outra, tentam criar, mudar [...] atitudes ou opiniões nos indivíduos” (ALEXANDRE, 2001, p. 113).

O presente trabalho está organizado em quatro momentos. No primeiro, apresentaremos algumas considerações a respeito da interferência das sensações pós-modernas na Educação Fundamental; no segundo, indagaremos sobre a diversidade cultural na mídia e no espaço escolar; no terceiro, versaremos a respeito da formação e da prática docente na era midiática e apontaremos a leitura crítica da mídia como uma possibilidade de repensar a ação pedagógica. Por fim, trataremos sobre o grande desafio docente nessa era: atrair os alunos para os conteúdos escolares.

Nosso propósito é “dialogar” com os autores que tratam da formação docente e do uso da mídia. Não se trata de censurá-la em sua totalidade, mas sim de demonstrar a relevância de uma formação acadêmica que faça uso dela em benefício do ensino e aprendizagem. Prezamos, também, a formação docente para desconstruir os conteúdos veiculados nas mídias, orientando os discentes acerca do que é bom e do que é ruim dos assuntos difundidos nos meios de comunicação social.

Neste caminho, buscaremos encontrar reflexões que ampliem as nossas lentes como contribuição aos/as professores/as para que formem seus/suas alunos/as para a leitura crítica das mídias.

As sensações pós-modernas e a interferência na Educação Fundamental

Consideramos o mundo um palco de intensas mudanças em relação aos aspectos político, cultural, econômico e social. Essas mudanças são ainda mais evidentes nas últimas três décadas. Haja vista que o desenvolvimento do capitalismo e o avanço contínuo e acelerado da ciência e das tecnologias, possibilitaram a ampliação do processo de Globalização. Percebe-se que o crescimento econômico configura-se de maneira ambígua, de

um lado uma população que usufrui dos benefícios tecnológicos e de outro uma população extremamente pobre e longe de usufruir desses benefícios. Por isso, concordamos com Kellner (2003) quando diz que:

[...] com o desenvolvimento de novas multimídias e da tecnologia da informação, os tecnoespetáculos têm, decisivamente, determinado os perfis e as trajetórias das sociedades e culturas contemporâneas, pelo menos nos países capitalistas avançados, ao mesmo tempo em que o espetáculo também se torna um fato marcante da globalização (p. 4).

Kellner (2003) prossegue sua análise e afirma que a criação dos televisores, na década de 1940, impulsionou seus telespectadores a mergulhar no mundo do consumo. Esta mídia também alterou o estilo de vida e os valores de seu público mais suscetível à manipulação de sua própria subjetividade. Nesse viés, Teruya (2006) esclarece que:

[...] os conteúdos televisivos propagam valores, atitudes, idéias (sic) e estilos de comportamentos que orientam as condutas sociais. A mídia é um instrumento útil para a sociedade capitalista alcançar os propósitos do capital, produzindo desejos de consumir por meios das imagens de felicidade associadas ao uso de mercadorias. Isso contribui para que os jovens valorizem mais os bens materiais do que as pessoas (p. 62).

Por isso, percebemos a necessidade de uma educação de crianças e jovens na sociedade midiática, dada a forte influência das mídias sobre seu público. Percebemos também que as crianças e os jovens são, na maioria das vezes, os grandes alvos das mensagens publicitárias, que exibem um padrão, um modelo de vida, principalmente por meio das imagens televisivas e de páginas da internet. Meios que nos últimos anos, inevitavelmente, tornaram-se os mais interessantes ao olhar de todos.

Quem de nós nunca se deparou com crianças a caminho da escola carregando mochilas com estampas de personagens da televisão endereçadas ao público infantil? Ou ainda, grupinhos de aluno/as com mochilas iguais? Isso é comum. Não é preciso ir muito longe para percebê-lo.

Ressaltamos que o nosso propósito não é condenar o uso de mochilas e materiais escolares estampados com personagens criados pela mídia. Nossa inquietude reside no fato de que a manifestação dos meios de comunicação social tem se proliferado muito intensamente sobre a vida dos sujeitos dessa nova geração e, além disso, lhes tem impregnado valores maléficos à sua formação.

Alexandre (2001, p. 112) afirma que “[...] a preocupação não é mais com o que se comunica, mas sim a maneira com que se comunica e com o significado que a comunicação tem para o ser humano”. Acreditamos que o ambiente em que o sujeito vive seja um dos fatores determinantes na formação de sua personalidade.

Em se tratando de um jovem que desde o nascimento convive com a televisão, provavelmente o poder da influência desta sobre a representação da realidade é muito maior. A mídia define o modelo de indivíduo para a sociedade, direciona as preocupações e incita o desejo de consumir cada vez mais. Tudo em forma de entretenimento. A mensagem publicitária atua na área da emoção, da vaidade, da auto-afirmação e da auto-estima (TERUYA, 2006, p. 61-62).

A mídia vende um estilo de vida e exhibe um mundo utópico para uma grande parcela da população. Enquanto uma parte tem o “privilégio” de usufruir de tudo dos bens materiais, Kellner e Share (2008, p. 693) afirmam que “um terço da população mundial ainda vive sem eletricidade”. Isso significa que eles não têm acesso aos meios eletrônicos.

[...] os programas de televisão, os videogames, a música e mesmo os brinquedos se tornaram grandes transmissores da nossa cultura [que, na verdade, não é de todos], os contadores e vendedores das histórias de nosso tempo, é agora, mais do que nunca, que as crianças precisam aprender a questionar criticamente as mensagens que as cercam e usar a grande variedade de ferramentas disponíveis para expressar suas idéias (sic) e exercer plena participação na sociedade (KELLNER; SHARE, 2008, p. 689).

Nesse contexto, outro ponto que merece ser destacado diz respeito à figura feminina em meio a sociedade em que vivemos. Sempre houve uma educação diferente considerada própria para os meninos e própria para as meninas. A mídia, frequentemente, reforça essa ideia e transmite a mensagem em suas narrativas de que meninos devem ser fortes e meninas delicadas.

Quando observamos os brinquedos destinados às crianças, percebemos uma diferença na educação de meninos e meninas. Aqueles “[...] que envolvem aventura como característica principal, dirigida ao público infantil, são oferecidos aos meninos e, os que minimizam as funções das mulheres à maternidade, à preocupação com beleza e consumo, são direcionados às meninas” (MORAES, SCHMIDT, 2010, p. 03). Esse fato encontra resistência em grupos feministas que reivindicam os direitos da mulher. Se historicamente o sexo masculino sempre

esteve em posição superior ao sexo feminino, hoje encontramos mulheres que se destacam no mundo profissional.

Os meios de comunicação de massa representam a diversidade de estilos de vida e constrói o discurso sobre como ser homem e como ser mulher, veiculados nos programas de televisão em nosso país. Fischer (2001, p. 588) afirma que “[...] a mídia é um lugar privilegiado de criação, reforço, e circulação de sentidos, que operam na formação de identidades individuais e sociais, bem como na produção social de inclusões, exclusões e diferenças [...]”. Assim sendo, ela influencia o pensamento dos sujeitos de tal forma que a representação da figura feminina tem se constituído em corpo e sensualidade, desconsiderando as conquistas obtidas no decorrer da história.

Nas últimas quatro décadas, houve um crescimento da ocupação de mulheres no mundo do trabalho. Em algumas famílias, o papel de chefia fora invertido e mais frequentemente têm-se mulheres com dupla jornada de trabalho, tendo em vista que, além de ocuparem os diferentes postos de trabalho, ainda exercem a função de donas de casa, esposas e mães. Outro fato bastante comum atualmente são mulheres que garantem a educação e o sustento aos filhos sem o auxílio de um homem.

Essa configuração da nova família e as relações cada vez mais fragmentadas entre homens e mulheres interfere na formação e educação de crianças e jovens na Educação Fundamental. As pesquisas de gênero e orientação sexual são indispensáveis aos educadores atuantes e/ou em formação, pois são eles que realizarão o trabalho de tornar seus alunos sujeitos críticos em relação ao discurso midiático. O conteúdo veiculado nas mídias necessita de uma mediação pedagógica consciente e consistente para não tornar nociva a educação dos alunos no presente momento.

A diversidade cultural na mídia e no espaço escolar

A diversidade cultural é um aspecto bastante visível nas mídias e também utilizada no espaço escolar. Nas mídias, encontramos uma diversidade de expressões culturais e, em razão disso, elas tornaram-se importantes ferramentas para auxiliar o trabalho docente na reflexão sobre as questões das diferenças culturais.

Em contrapartida, rica em contradições, as mídias também se configuram como lugar onde as mensagens veiculadas raramente vão ao encontro da valorização intrínseca entre as

culturas. Assim sendo, mesmo difundindo a diversidade cultural, a mídia parece favorecer a cultura dominante. Nestas circunstâncias, caberá ao professor ressaltar o que está invisível, preparar os estudantes tendo em vista que se posicionem de maneira crítica frente a essas contradições.

Concordamos com Kellner (2001, p. 11), ao afirmar que “[...] a cultura veiculada pela mídia induz os indivíduos a conformar-se à organização vigente da sociedade, mas também lhes oferece recursos que podem fortalecê-los na oposição a essa mesma sociedade”. Essa cultura propagada pela mídia almeja influenciar a vida dos sujeitos em vários aspectos. No entanto, ela mesma concede a possibilidade de as pessoas aprovarem ou não seus recursos na constituição da subjetividade.

Entendemos que as escolas atuais são o reflexo da sociedade. Deste modo, para Sacristán (2001, p. 84), “[...] a escola tem-se configurado, em sua ideologia e em seus usos organizativos e pedagógicos, como um instrumento de homogeneização e de assimilação à cultura dominante”. Isto é, tem contribuído para que as culturas minoritárias sejam, cada vez mais, silenciadas.

Nesse sentido, o mesmo autor afirma: “[...] enquanto um grupo social não vê refletida sua cultura na escolaridade ou a vê refletida menos que a de outro, estamos, simplesmente, diante de um problema de igualdade de oportunidades” (SACRISTÁN, 2001, p. 84-85). Na medida em que o professor considera as particularidades de cada aluno, deixando de ser um reproduzidor das desigualdades presentes em nosso país, essa realidade estará mais propensa a modificações.

Os livros didáticos são exemplos claros que abarcam essa questão. Marcos (s/d) analisa livros didáticos de Geografia e percebe que a abordagem destes materiais escolares apresenta-se de forma bastante limitada, quando constata a presença de uma versão dos valores dominantes em relação à cultura indígena:

[...] a maioria dos professores carece de conhecimentos mais aprofundados sobre essa matéria e os livros didáticos também deixam muito a desejar, reproduzindo, na maioria das vezes, o velho estereótipo do índio genérico (selvagem, rústico e primitivo), representação bastante distante da realidade atual (MARCOS, s/d, p. 01).

Sacristán (2001) nos mostra que o currículo escolar não pode estar distante da “cultura extraescolar”. Ou seja, a seleção dos conteúdos escolares, bem como do currículo deve estar em consonância com as vivências dos estudantes fora do ambiente escolar.

Diante disso, qual deverá ser a prática pedagógica a ser desenvolvida pelo professor no espaço escolar ao entender a diversidade cultural como uma prioridade? Sacristán (2001), ao falar de um currículo escolar que privilegie o multiculturalismo, menciona um obstáculo que, segundo ele, seria: “[...] a capacidade da educação para acolher a diversidade” (SACRISTÁN, 2001, p. 82).

Silva e Oliveira (2012) tratam especificamente sobre Educação e diversidade cultural. Motivados pelo Relatório Delors, exprimem as seguintes palavras:

Para a educação do século XXI [...] é necessário superar as diversas tensões que constituem o cerne da problemática deste século. Dentre elas, o relatório destaca as tensões entre o global e o local; entre o universal e o singular; entre a tradição e a modernidade; as soluções de curto e longo prazo; a tensão entre a indispensável competição e o cuidado com a igualdade de oportunidades; entre o extraordinário desenvolvimento dos conhecimentos e as capacidades de assimilação do homem; e ainda a tensão entre o material e o espiritual (SILVA e OLIVEIRA, 2012, p. 82).

Entendemos que a educação escolar deva contribuir para que os alunos conheçam as diversas culturas existentes em seu país. A ideia é que desperte nos estudantes um sentimento que ande na contramão dos interesses dominantes. Isto é, promover um sentimento de valorização em relação às várias culturas de modo que a todas elas seja inculcado igual valor, a fim de extinguir o pensamento de que há culturas cuja importância é superior ou inferior quando em comparação a outras.

A diversidade cultural exige novas atribuições ao trabalho docente. Para Teruya (2006, p. 84), “[...] em uma sociedade multicultural, o professor deve modificar e diversificar os materiais didáticos e os programas de ensino para confrontar com os diferentes modelos de socialização na sua prática educativa”. Muda, também, a configuração do currículo escolar. Sacristán (2001, p. 88) afirma que um “currículo multicultural no ensino implica mudar não apenas nas intenções do que queremos transmitir, mas os processos internos que são desenvolvidos na educação institucionalizada”.

Evidenciando, mais uma vez, a relevância de se fazer uso dos recursos midiático em benefício do processo educacional, temos, enquanto professores, uma possibilidade de disseminar um sentimento imperioso em relação aos diferentes grupos de nosso tempo, principalmente por meio da internet. Uma oportunidade de condenar preconceitos, defender os direitos individuais e gerar, em nossos alunos, uma consciência que preze pela diversidade cultural.

Formação e a prática docente na era midiática: a leitura crítica da mídia e a possibilidade de repensar a ação pedagógica

A maneira como a sociedade está organizada exige do professor um olhar atento sobre a realidade social repleta de mídias, porque interfere no trabalho de sala de aula. O público infantil e juvenil convive com muitas formas do entretenimento, por isso é necessário repensar a formação e a prática docente para lidar com esse público, que chega à escola com diferentes níveis culturais.

Teruya (2006, p. 62) afirma que “[...] as informações audiovisuais e a produção do espetáculo surgem como elementos desafiadores para a ação docente”. Para esta autora, o que se percebe é que a leitura do papel impresso teve seu valor minimizado, tendo em vista a sofisticação desencadeada pelo avanço das tecnologias de informação e comunicação. Diante disso, qual é o papel que o professor deve desempenhar diante de seus alunos? Para responder esta questão, investigamos alguns autores que tratam dessa temática e exporemos a seguir os seus argumentos.

Para Teruya (2006) muitos dos valores que deveriam ser transmitidos pela família foram concedidos à instituição escolar, transferindo para a escola outras atribuições que eram da família. Isso se deve ao fato de que, adentrando ao mundo do trabalho, as mulheres que em épocas anteriores se dispunham a cuidar dos afazeres domésticos, do esposo e filhos, obrigaram-se a reduzir de maneira significativa o tempo de convivência em casa.

Diante disso, crianças e jovens desfrutam de todos os artifícios produzidos pelos meios de comunicação social em seus momentos fora do ambiente escolar, não estando, portanto, imunes especialmente aos efeitos produzidos pela televisão e internet. Teruya (2006, p. 64) explica que “[...] a transmissão em grande escala de televisão, sem objetivo educacional, propaga a ideologia hegemônica e conduz de maneira equivocada a consciência dos telespectadores passivos”. O público infantil e juvenil é mais suscetível à influência midiática.

Jogos, filmes, vídeos, comerciais e programas de televisão, para Kellner (2003), são alguns exemplos de espetáculos produzidos pela mídia e oferecem muitas horas de entretenimento aos sujeitos. Os filmes, especialmente produzidos pela Disney³, seduzem e

³ Há algumas divergências nas opiniões das pessoas em relação à Disney, que por sua vez, devem ser respeitadas. Enquanto muitos consideram que os filmes produzidos por esta grande empresa contribuem positivamente para a formação das crianças, tendo em vista que estimulam a imaginação e que faz uso de extrema inocência e delicadeza, outra parcela da população os percebem como uma transmissora de valores dominantes, que transmitem um mundo maravilhoso que não está ao alcance de todos. Neste trabalho nos

encantam seu público que passam horas diante da tela. Seus sons, melodias, imagens, magia, contos encantadores, harmonizam-se e demonstram um mundo repleto de fantasias, no “maravilhoso mundo de Disney”.

Giroux (2001, p. 56) argumenta que “[...] o alcance do império Disney revela tanto práticas comerciais agressivas quanto um olho clínico para fornecer sonhos e produtos através de forma de cultura popular, nas quais as crianças estão dispostas a investir, material e emocionalmente”. Os filmes e outros artefatos midiáticos “[...] têm um poder de sedução e encantamento, por isso não é mais possível ignorar tais recursos no processo educativo da escola”. (TERUYA, 2006, p. 82). Em razão disso, urge pensar sobre a formação e prática docente na era midiática.

[...] Os professores não podem mais ignorar a televisão, o vídeo, o cinema, o computador, o telefone, o fax, que são veículos de informação, de comunicação, de aprendizagem, de lazer, porque há tempos, o professor e o livro didático deixaram de ser as únicas fontes de conhecimento (LIBÂNEO, 2009, p. 40).

Libâneo (2009) alerta para as novas exigências aos docentes diante do contexto em que se encontra a sociedade contemporânea. O autor aposta num ensino cuja base seja a mediação, em que o professor atue como ponte entre seus alunos e os conteúdos escolares. Porém, mais do que isso, se faz necessário considerar as experiências vivenciadas e os significados construídos por seus alunos no decorrer de sua trajetória de vida.

[...] O professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando os conhecimentos, a experiência e os significados que os alunos trazem à sala de aula, seu potencial cognitivo, suas capacidades e interesses, seus procedimentos de pensar, seu modo de trabalhar. Ao mesmo tempo, o professor ajuda no questionamento dessas experiências e significados, provê condições e meios cognitivos para sua modificação por parte dos alunos e orienta-os, intencionalmente, para os objetivos educativos (LIBÂNEO, 2009, p. 29).

Libâneo (2009) desaprova um ensino limitado à exposição verbal dos conteúdos, que valorize a transmissão das informações em detrimento da investigação. Além disso, o uso

embasamos nos argumentos de Giroux (2001). Este autor considera “[...] importante discutir os filmes animados da Disney sem simplesmente condená-la como uma empresa ideologicamente reacionária, promovendo de forma mistificadora e sob o discurso do entretenimento, uma visão conservadora do mundo; mas tampouco [...] celebrá-la como uma fonte de alegria e felicidade para as crianças de todo o mundo” (GIROUX, 2001, p. 58).

exclusivo dos livros didáticos como instrumento único da ação docente provoca o desinteresse do aluno.

O docente deverá permitir que haja discussões em sala de aula, a interação de seus alunos com o assunto abordado e que possam expressar suas opiniões. Dessa forma, tornar-se-ão, gradativamente, “sujeitos pensantes”, quesito fundamental para se viver em sociedade e para que os valores difundidos pela mídia não venham a ser incorporados pelos indivíduos como únicos. Giroux (2001) mostra a possibilidade de fazer uso das mensagens veiculadas nas mídias a favor de um estudo crítico:

Ao questionar aquilo que é [...] tomado como natural, os/as professores/as e os/as críticos podem usar os filmes animados da Disney pedagogicamente para que os/as estudantes e outras pessoas possam ler esses filmes dentro, contra e fora dos códigos dominantes em que eles se baseiam (GIROUX, 2001, p. 64).

Teruya (2006, p. 81) menciona que “[...] o professor deve se apropriar das diferentes linguagens existentes no mundo da mídia, não apenas para decifrar os códigos, mas também estar munido de uma interpretação crítica dos conteúdos que circulam nos diversos meios de comunicação”. Nesse sentido, o que se espera é que os professores, de um modo geral, criem em seus alunos uma inquietude em relação as mensagens veiculadas nos meios de comunicação de massa para, enfim, fazer com que eles compreendam o conteúdo implícito que permeia a sociedade midiática.

As informações vêm de forma Global e desconexa através de múltiplos apelos da sociedade tecnológica. A escola precisa aproveitar essa riqueza de recursos externos, não para reproduzi-los em sala de aula, mas para polarizar essas informações, orientar as discussões, preencher as lacunas do que não foi aprendido, ensinar os alunos a estabelecer distâncias críticas com o que é veiculado pelos meios de comunicação (KENSKI, 1996, p. 143).

As transformações no mundo do trabalho e nas novas configurações culturais exigem “formação permanente” do professor, pois as mudanças na sociedade ocorrem continuamente e, por esse motivo, o fazer docente nunca será suficiente para suprir as exigências postas por essa sociedade.

Neste momento, é um erro desconsiderar as mídias e as tecnologias de informação e comunicação como novos recursos para subsidiar a prática pedagógica e generalizá-la como

prejudicial às crianças e aos jovens, tendo em vista que uma parte dos conteúdos veiculados não vai ao encontro daquilo que é ideal à formação da personalidade humana. Deste modo, qual seria o objetivo primeiro do uso das tecnologias no ambiente escolar?

[...] o papel da escola não se limita a desenvolver metodologias para erradicar o ‘analfabetismo tecnológico’, mas também oferecer instrumentos para analisar criticamente os recursos do ciberespaço, no sentido de privilegiar a formação ética, incentivando a participação coletiva no processo de construção da nova sociedade verdadeiramente democrática, ou seja, um mundo onde todas as pessoas usufruam os benefícios das conquistas científicas (TERUYA, 2006, p. 86).

Parece utópico que todas as pessoas usufruam dos bens científicos, mas concordamos que os futuros docentes reflitam a respeito da possibilidade de fazer uso da mídia a favor do processo de ensino e aprendizagem, evidenciando aquilo que é nocivo e aquilo que contribui para a formação social dos sujeitos. Ressaltamos que os professores atuantes reflitam sobre suas próprias práticas para organizar suas aulas com o intuito de atender aos interesses dos estudantes, dialogando com os aspectos significativos da realidade em que vivemos.

Em suma, este trabalho de conclusão de curso busca demonstrar que a ação docente, mais do que nunca, necessita formar um estudante que compreenda a dinâmica da sociedade e não se deixe levar por ela. Pensamos que formar um sujeito crítico e reflexivo seja a função do trabalho educativo.

O trabalho com a mídia implica uma reformulação da atitude dos educadores que precisam aceitar que não são mais os únicos detentores do saber e que não existe mais uma única forma de ensinar e aprender. O professor, compreendido como facilitador de aprendizagens, é um intermediário de saberes, praticando uma pedagogia ativa que tem um papel decisivo na construção do cidadão crítico e reflexivo. (ACCIOLY, 2009, p. 45)

Os pressupostos aqui destacados dificilmente serão efetivados se os cursos de formação de professores não permitirem que os acadêmicos experienciem atividades pedagógicas nas quais as mídias estejam presentes. As exigências para que o novo professor faça uso delas em sala de aula é um fato. No entanto, consideramos pouco provável que os objetivos do trabalho com esses meios sejam efetivados se o professor não estiver preparado para esse fim.

Destacamos que as mídias podem ser utilizadas como instrumento da prática pedagógica tanto como um recurso, quanto como uma proposta de interpretação, incentivando

os alunos da “Geração do Entretenimento” a tornarem-se críticos ao que o mundo os apresenta.

O grande desafio docente na era midiática: atrair os alunos para os conteúdos escolares

Entendemos que a televisão, a internet e outras mídias são artefatos culturais que interferem na formação de crianças e jovens e também contribuem, em grande medida, para a socialização. Em contrapartida, no contexto escolar, é possível perceber que esses instrumentos, gradativamente, ganham espaço e os professores enfrentam alunos dispersos e conectados a alguma mídia durante a rotina escolar. Isso pode ser muito mais atrativo do que os conhecimentos transmitidos pelo professor.

Como menciona Accioly (2009, p. 54) “[...] um dia sem aula para a criança ou a falta do professor pode ser motivo de alegria, mas a retirada da televisão significa um castigo e pode provocar choro e desespero para a maior parte das crianças”. Qual a razão desse impasse? As exigências escolares, o estudo rotineiro, ou quem sabe, a didática do professor.

Na era pós-moderna, como mencionam Green e Bigum (1995), os alunos podem ver os professores como “alienígenas” e, do mesmo modo, os educadores podem percebê-los como tal. Isso porque, na sala de aula, educadores e alunos parecem seres estranhos uns com os outros. De acordo com os autores, “[...] cada vez mais alienados/as, no sentido clássico, os/as jovens são também cada vez mais *alienígenas*, cada vez mais vistos como diferentemente motivados/as, desenhados/as e construídos/as” (GREEN; BIGUN, 1995, p. 212).

A questão é: Como atrair os/as alunos/as para os conteúdos escolares? Como se sabe, a escola não mais é a única instituição educativa, mas, a nosso ver, é a principal quando se pensa em conhecimentos científicos. Segundo Fisher (2002, p. 153), “[...] torna-se impossível fechar os olhos e negar-se a ver que os espaços da mídia constituem-se também como lugares de formação – ao lado da escola, da família, das instituições Religiosas”. Essa reflexão nos remete a uma didática interativa, estabelecendo um diálogo com as diferentes instituições que se constituem em espaços educativos, para que os objetivos educacionais sejam alcançados. Com o desenvolvimento das mídias, fazer uso do quadro negro, giz, lápis e caderno como únicos instrumentos do processo de ensino e aprendizagem, torna a sala de aula maçante aos estudantes.

As tecnologias de informação e comunicação na educação (do Ensino Fundamental ao Ensino Superior), como o uso de computadores, de vídeos, de redes, de multimídias, permitem o rápido acesso à pesquisa e a informações novas, de forma mais interessante e envolvente, o que facilita o processo ensino-aprendizagem (TERUYA, 2006, p. 90).

São inúmeras as possibilidades de trabalho a partir dos recursos midiáticos: pesquisa, elaboração de textos, gráficos, desenhos e resolução de questões matemáticas mais complexas. Os recursos como vídeos e fotografias levam o mundo para dentro das salas de aula, permitindo o conhecimento de diversas culturas ao voltar-se para o passado, lembrar-se dos grandes autores brasileiros, das músicas, dos ritmos esquecidos na história, enfim, de tudo aquilo que enriquece o processo de ensino e aprendizagem por meio das lentes da tecnologia.

Accioly (2009, p. 50) ressalta outra possibilidade de uma educação para as mídias e que caracteriza nosso trabalho. Segundo a autora, o que se pretende com esta nova forma de educar, de instruir os/as estudantes desta nova geração, é que as ações das instituições educativas estejam voltadas para a interpretação das mensagens veiculadas nos meios de comunicação de massas. Destaca que não é necessário proibir a TV, desvinculá-la de nossas vidas. Pelo contrário, as instituições educativas podem oferecer uma “alfabetização da linguagem e da imagem” a fim de que os alunos enxerguem as entrelinhas do discurso midiático e saibam ser seletivos em relação às suas programações.

O correio eletrônico tornou-se um novo meio de comunicação. Se antes a pessoa precisa ir até uma agência dos correios, o *e-mail* permite a comunicação instantânea com resposta instantânea. Nesse aspecto, “[...] na relação professor-aluno, pode-se receber e oferecer orientações. Ao mesmo tempo, podemos utilizar *e-mails* para escrever conversas informais, espontâneas e até anônimas, expressando livremente opiniões e sentimentos” (TERUYA, 2006, p. 80).

O desafio consiste em o professor ter a sua disposição essas ferramentas de trabalho e fazer uso delas no seu cotidiano. Não apenas utilizá-las, mas tê-las como instrumento no processo de ensino e aprendizagem. O desafio está em os formadores de docentes terem como uma de suas finalidades a formação de professores para uma leitura crítica da mídia, e não como meros receptores de conteúdos veiculados.

Almejamos neste trabalho, refletir sobre o significado e a valorização da educação escolar como uma instituição formadora de nossa sociedade. Ao mesmo tempo, salientamos as mídias como recurso no espaço escolar e concordamos que “[...] não há a necessidade de se

colocar os alunos diante de todas as mídias eletrônicas na sala de aula, mas incorporar e aceitar que as novas subjetividades são transformadas e desenvolvidas pelas experiências virtuais de crianças e jovens” (TERUYA, 2006, p. 86-87).

Neste momento, é importante reportarmos ao que diz Accioly (2009). Na visão da autora, a escola nem sempre é o ambiente mais desejado, e a televisão ganha espaço na vida das crianças e dos jovens:

[...] não é possível descartar a televisão como instrumento de informação, entretenimento e educação. É tão forte seu poder de atração que atualmente chega a ser uma grande concorrente da própria escola. Ninguém desconhece que a escola não é um lugar atrativo para a criança, seja pelas imposições que ela coloca para os alunos, seja pelas atividades repetitivas, muitas vezes sem criatividade e até pelos conhecimentos que sempre estão desvinculados da vivência dos educandos gerando um fosso enorme entre a rotina escolar e o contexto dos educandos (ACCIOLY, 2009, p. 54).

Entendemos que, quando as mídias fazem parte da rotina escolar, há um melhor e mais intenso aproveitamento dos conteúdos escolares por parte dos alunos. Isso porque na medida em que o processo ensino-aprendizagem se torna mais dinâmico, que os educadores inovam sua didática, a possibilidade de aquisição de novos conhecimentos eleva-se sobremaneira, ao passo que as crianças e os jovens terão a oportunidade de aprender, ainda mais, com as atividades educacionais.

Considerações Finais

A presente pesquisa evidenciou a urgência em formar professores empenhados em desmistificar os conteúdos veiculados nas mídias, a fim de que as crianças e os jovens tornem-se sujeitos críticos em relação ao que assistem, lêem e ouvem nos aparatos midiáticos.

Constatamos que a ausência de uma didática acertada, o uso de metodologias que privilegiem o quadro negro, giz e livro didático como instrumentos únicos para o processo de ensino e aprendizagem caracterizam-se como um dos fatores que, nos dias atuais, contribuem para que os alunos mantenham-se dispersos e desinteressados dos conteúdos escolares.

Por outro lado, compreendemos que ao introduzir as mídias como ferramentas no processo de ensino e aprendizagem, o sucesso escolar se torna mais provável, haja vista que

as inúmeras possibilidades de trabalho que tais recursos oferecem, torna o ambiente escolar mais atraente aos estudantes, pois se aproxima da realidade extraescolar.

Os autores consultados foram enfáticos em dizer que a mídia favorece a cultura dominante, o que corrobora nossa afirmação inicial. Alvos dos espetáculos produzidos por esse meio, as crianças e os jovens são consumidores preferidos dos seus produtores, porque o público aceita a cultura dominante de forma inquestionável.

Comerciais e programas de televisão, filmes, novelas, seriados, atores e atrizes, músicos e muitos outros personagens da sociedade contemporânea, tornaram-se modelos a serem seguidos. Enquanto isso, diversas culturas foram silenciadas, livros viram, gradativamente, decoração de bibliotecas, as boas músicas estão sendo esquecidas, substituídas por outras que ostentam o luxo, minimizam as mulheres em objetos do homem, cultuam o prazer.

Em concordância com os autores estudados, defendemos a necessidade de um diálogo entre o discurso midiático e sua audiência, isto é, os alunos da nova geração, no espaço escolar. Para tanto, a formação docente voltada a este fim é fundamental. Consideramos relevante que os professores conheçam os valores implicados na era midiática, entendam a mensagem implícita da mídia e traduzida nos produtos criados por grandes empresas, especialmente aqueles endereçados às crianças.

Nos filmes, na internet e nos programas televisivos as crianças entram em contato com os conteúdos transmitidos e são facilmente influenciadas. Assim, a formação teórica e metodológica de docentes é fundamental. Em primeiro lugar para que não sejam reféns da mídia e, em segundo lugar, para contribuir com uma educação crítica e ativa de crianças e jovens nesse mundo pós-moderno.

Referências

ACCIOLY, Denise Cotez da Silva. **A importância da mídia na formação docente:** o caráter educativo da televisão. Revista do Centro de Educação a Distância - CEAD/UEDESC. Florianópolis, Vol. 2, n. ° 1, p. 44 - 55 mai. /jun. 2009

ALEXANDRE, Marcos. **O papel da mídia na difusão das representações sociais.** Comum - Rio de Janeiro - v.6 - nº 17 - p. 111 a 125 - jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.sinprorio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/opapel.pdf>> Acesso em: 12. jun. 2012, p. 111-125.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia e Educação da Mulher:** uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino da TV. Ano 9. 2001, p. 586 – 599.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia:** modos de educar na (e pela) TV. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, jan./jun. 2002, p. 151 – 162.

GIROUX, Henry A. A disneyzação da Cultura Infantil. In: SILVA, Tomaz Tadeus da; MOREIRA, Antônio Flávio B. (Org.). **Territórios Contestados:** o currículo e os novos mapas políticos e culturais. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 49-81

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Alienígenas em sala de aula:** uma introdução aos Estudos Culturais em Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p.208-241.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: Edusc, 2001.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo.** Líbero, Vol. 6, No 11, p. 4-15, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/3901/3660>> Acesso em 14/09/2012.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. **Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e reconstrução da educação.** Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 687-715, out. 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0429104.pdf>> Acesso em: 23 jul. 2013

KENSKI, Vani Moreira. O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Didática: o ensino e suas relações.** (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico), Campinas, SP: Papyrus, 1996, p. 127-147.

LIBÂNEO. José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** : novas exigências educacionais e profissão docente. In: _____ (Org.). 11. Ed. São Paulo, Cortez, 2009. – (Coleção Questões da Nossa Época; v. 67).

MARCOS, Marina Cândido. **Repensar a cultura indígena nos livros didáticos:** críticas e desafios, s/d, p. 01-09. Disponível em: <<http://www.neppi.org/anais/Educa%E7%E3o%20b%E1sica/REPENSAR%20A%20TEM>%

C1TICA%20IND%CDGENA%20NOS%20LIVROS%20DID%C1TICOS.pdf> Acesso em: 18 ago. 2013.

MORAES, Jéssica; SCHMIDT, Sarai. **A mídia ensina “coisas” de menino e de menina: um estudo sobre consumo, gênero e cultura infantil.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Novo Hamburgo – RS, 17 a 19 de maio de 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0891-1.pdf>> Acesso em: 02 jun. 2013.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeus da; MOREIRA, Antônio Flávio B. (Org.). **Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 82-113

SILVA, Irizelda Martins de Souza; OLIVEIRA, Osmar Nascimento de. **Educação e diversidade cultural.** Acta Scientiarum. Education. Maringá, v. 34, n. 1, p. 81-85, Jan.-June, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/14528/pdf> > Acesso em: 14 ago. 2013.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e educação na era midiática: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação.** Maringá, PR : EDUEM, 2006.

TERUYA, Teresa Kazuko. Sobre mídia, educação e Estudos Culturais. In. MACIEL, LizeteShizueBomura; MORI, Nerli Nonato Ribeiro (Org.) **Pesquisa em Educação: Múltiplos Olhares.** Maringá: Eduem, 2009. P. 151-165. Disponível em: <<http://nt5.net.br/publicacoes/Midia%20Educacao%20e%20Estudos%20Culturais.pdf>> Acesso em: 31 ago. 2013.

TERUYA, T. K., CAMURRA, L., MESTI, R. L.. Os conteúdos televisivos presentes nos gostos e preferências infantis. **Revista de Educação** (Campinas). , v.23, p.91 - 101, 2007.